

**INSTITUTO MISSÕES CONSOLATA**

# **BIÊNIO SOBRE A PESSOA**

29 de janeiro de 2021 - 29 de janeiro de 2023

**Ficha 19 – julho de 2021**

*Dimensão humana*

## **PERDÃO E RECONCILIAÇÃO**

Para o crescimento pessoal e comunitário

**De tudo sou capaz Naquele que me dá força !**  
(Fil. 4,13)



**Biênio  
sobre a pessoa**

## PENSAMENTOS INICIAIS

*“Suportai-vos uns aos outros e perdoai-vos mutuamente, sempre que tiverdes queixa contra alguém. Cada um perdoe ao outro, do mesmo modo que o Senhor vos perdoou.” (Col 3,13)*

«“Se vos irardes, não pequeis; que o sol não se ponha sobre o vosso ressentimento”. Falar de perdão das ofensas a missionários e missionárias parece um absurdo porque, várias vezes por dia, repetimos: “Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido” Mt 6,12). É preciso perdoar as pequenas ofensas - que sempre acontecem. E, muitas vezes, nem é preciso pedir expressamente desculpa. Basta aproximar-se e falar com a pessoa. (...) Quer tenhais razão quer não, reconciliai-vos logo, não deixando passar um dia, uma hora, ou, mesmo cinco minutos. Só assim as pessoas poderão dizer “Como se amam estes missionários!”. E este amor incuti-lo-eis nos outros. O sinal do perdão está na capacidade de rezar e de desejar o bem a quem nos ofendeu. Amarmo-nos, amarmo-nos uns aos outros com verdadeiro amor fraterno. Gostaria que tivésseis sempre presentes estas minhas palavras». (Tudo pelo Evangelho 132)

*“O perdão não implica esquecimento. Mesmo que haja algo que de forma alguma pode ser negado, relativizado ou dissimulado, podemos perdoar. Mesmo que haja algo que jamais deveria ser tolerado, justificado ou desculpado, todavia podemos perdoar. Mesmo quando houver algo que por nenhum motivo devemos permitir-nos esquecer, todavia podemos perdoar. O perdão livre e sincero é uma grandeza que reflete a imensidão do perdão divino. Se o perdão é gratuito, então pode-se perdoar até a quem resiste ao arrependimento e é incapaz de pedir perdão”. (Fratelli Tutti, 250)*

## STATUS QUAESTIONIS

Temos dificuldade em nos amarmos uns aos outros! Para muitos de nós é mais fácil encontrar amigos fora, do que dentro da comunidade em que estamos inseridos. Talvez nos estimemos uns aos outros, muitas vezes invejamo-nos uns aos outros, reconhecemos as qualidades uns dos outros, mas é frequente não o dizermos, tentamos não magoar para não oferecer a oportunidade de também nós sermos magoados. Em suma, vivemos sem nos conhecermos realmente e sem nos relacionarmos uns com os outros. E mesmo quando temos algumas oportunidades de diálogo, fazemo-lo em questões gerais, não tomamos partido, procuramos a equidistância por medo do que os outros pensarão.

Um documento da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada, já de há quase trinta anos, descreve bem esta situação que se encontra mais ou menos veladamente em todas as comunidades religiosas

Diz o documento *Vida Fraterna em Comunidade* (2 de fevereiro de 1994)

*(32) Em muitos lugares há necessidade de uma comunicação mais intensa entre os irmãos de uma mesma comunidade. A falta ou a pobreza da comunicação geram geralmente um enfraquecimento da fraternidade, devido à falta de conhecimento da experiência dos outros, o que torna o irmão mais estranho e a relação anónima, bem como a criação de situações reais de isolamento e solidão.*

*Em algumas comunidades sentem-se queixas da má qualidade da comunicação fundamental dos bens espirituais: comunica-se sobre temas e problemas marginais, mas raramente se partilha o que é vital e central no caminho da consagração. As consequências podem ser*

*dolorosas, porque a experiência espiritual adquire insensivelmente conotações individualistas. É também favorecida a mentalidade de autogestão combinada com a insensibilidade ao outro, ao mesmo tempo que se procuram lentamente relações significativas fora da comunidade.*

Perde-se a confiança ou o interesse pelo irmão, passa-se por ele com indiferença. O “espírito de família” pertence às boas intenções de alguns sem, contudo, encontrar na prática um compromisso correspondente e dinâmico para a sua edificação.

Nas nossas comunidades temos "armas apontadas" uns aos outros, sob a forma de silêncios e ressentimentos, indiferença e murmuração, que não nos ajudam a viver e crescer em santidade, ou seja, nesse equilíbrio suficiente, que nos faz desfrutar da vida com os seus sabores e as suas consolações.

Acontece que quando há chatices entre nós, quando ocorrem mal-entendidos, quando as vozes se levantam e os insultos chovem, quando nos ofendemos uns aos outros mesmo publicamente, tendemos a ignorar tudo isso, como se nada tivesse acontecido, pensando que com o tempo tudo voltará a ser como dantes.

E assim, enquanto continuamos com os sorrisos e os cumprimentos de conveniência, dentro das comunidades e por vezes dentro das Circunscrições aumentam as rivalidades e ressentimentos, e criam-se divisões entre fações opostas.

Perdemos a coragem de nos sentarmos e falarmos uns com os outros para compreender os erros e pedir desculpa, para nos imergirmos na verdade das causas daquilo que aconteceu e assim virmos a perdoar-nos mutuamente e enveredarmos por caminhos de reconciliação. Rezamos pela paz nas celebrações, enquanto pouco fazemos para a construir nas nossas comunidades.

Muitas vezes, as nossas comunidades navegam em águas turvas, onde atitudes e comportamentos obsequiosos se misturam com “tagarelice” e hipocrisia. Na aparência, tem-se a sensação de que tudo está a correr bem, porque o trabalho pastoral é satisfatório e os ritmos de oração respeitados; mas na realidade as rivalidades e os ciúmes persistem, e eclodem desejos de vingança que, como um rio cársico, mais cedo ou mais tarde vêm à superfície, causando sofrimento na comunidade e situações dolorosas de contratestemunhas fora dela.

## ILUMINAÇÃO

Se esta é a situação em que nos encontramos a viver, é importante que nos coloquemos a questão: queremos continuar assim ou queremos mudar? Será que este modo de vida nos deixa confortáveis, ou podemos procurar novas formas de nos renovarmos a nós e às nossas comunidades?

Quando fomos ofendidos, sofremos uma ferida, sentimos dor por causa de uma palavra, um ato, por vezes um silêncio, referimo-nos facilmente ao perdão. E quase sempre pensamos que devemos perdoar o que aconteceu e a pessoa que nos ofendeu. Assim, para além de termos sofrido pela provocação, somos também chamados a sofrer por um dever, o que nos faz sentir duplamente vítimas.

Isto não é perdão, mas sim uma mistificação do perdão. Tentemos pensar nele de uma forma diferente.

Se eu sofri, posso ficar no sofrimento ou tentar livrar-me dele. Posso, por outras palavras, torcer a faca na ferida ou tentar curar a ferida. É claro que temos o direito de nos sentir irados. Sentir-se enraivecido não é um problema, o problema é viver com raiva. No primeiro caso é uma emoção, parcialmente justificada, no segundo caso, uma situação que cancerosa que

transforma a raiva em ressentimento, para "fazer o inimigo pagar" pela mesma medida, ou, se possível, ainda mais violentamente.

## **O Perdão<sup>1</sup>**

Se me convenço que permanecer no estado de vítima não me ajuda, não me permite sentir-me livre daqueles que me magoaram, então faço a escolha de me libertar. Não quero que aqueles que me fizeram sofrer continuem a ter domínio sobre mim. Se eu responder ao mal com mais mal, ao silêncio com mais silêncio, não faço nada de novo. O perdão, por outro lado, é criativo, procura outros caminhos, porque não queremos permanecer numa situação que não nos ajuda a crescer como pessoas e ainda menos como cristãos e religiosos.

Ninguém é apenas uma experiência do passado. Somos também o nosso presente e o nosso futuro. Este é um princípio que nos ajuda efetivamente a perdoar aqueles que nos feriram, por vezes com sua indiferença ou falta de estima por nós. Mas também é importante para conseguir o perdão mais difícil, que é perdoarmo-nos a nós próprios. Custa-nos aceitarmo-nos como limitados, defeituosos. Perdoarmo-nos é morrer àquela nossa imagem que nós mesmos construímos, e ao mesmo tempo, é continuar a olhar para nós próprios com uma certa simpatia. Não somos os nossos erros, não somos apenas os desastres que cometemos, mas somos também o que queremos e podemos ser. Devemos ter o cuidado de não depender demasiado do que os outros pensam de nós, porque Deus não olha para o rótulo que eles nos atribuíram ou que nós atribuímos a nós próprios. Deus olha para o coração da pessoa, que é sempre preciosa aos seus olhos. (cf. 1 Samuel 16,1-13).

---

<sup>1</sup> Convidamos a ler duas Mensagens para o Dia Mundial da Paz de São João Paulo II: "*Oferece o perdão, recebe a paz*", 1 de janeiro de 1997; "*Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão*" 1 de janeiro de 2002. Ver também a Encíclica "Irmãos Todos" (Fratelli Tutti) n<sup>os</sup> 236 - 254.

## Perdoar sem medida

"Não até sete, mas até setenta vezes sete". Sempre: a única medida do perdão é perdoar sem medida. Jesus não eleva a fasquia moral, traz a boa nova de que o amor de Deus não tem medida. E conta isto com a parábola dos dois devedores (*cf. Mateus 18: 21-35*).

**O perdão é escandaloso porque pede conversão não àquele que cometeu o mal, mas àquele que o sofreu.** Quando, perante um delito, penso em cobrar a minha dívida com uma contraofensiva, apenas aumento o nível de dor e violência. Em vez de me libertar da dívida, acrescento uma barra à prisão. Penso que estou a curar uma ferida ao ferir-me a mim próprio. Como se o mal pudesse ser reparado, curado por outro mal. Mas então já não será uma, mas sim duas feridas que sangram. O Evangelho recorda-nos que somos maiores do que a história que nos feriu, que podemos ter um grande coração, e que o tempo do perdão é a coragem da antecipação: fazê-lo sem esperar que tudo esteja certo; é a coragem dos começos e reinícios, porque o perdão não liberta o passado, liberta o futuro. (*cf. Ronchi E., Comentário ao Evangelho, 24º domingo, Ano A*).

Perdoar significa "dar" através do sofrimento e do mal sofrido. Significa também fazer que o mal recebido se torne ocasião para uma dádiva. Perdoar não é mitigar a responsabilidade de quem cometeu o mal: o perdão perdoad o que é indesculpável, o que é injustificável - o mal cometido - e que assim permanece. O perdão não elimina a irreversibilidade do mal sofrido, mas assume-o como passado e, ao fazer prevalecer uma relação de graça sobre uma relação de retaliação, cria as premissas para uma renovação da relação entre ofensor e ofendido.

## A Reconciliação

*"A confusão entre perdão e reconciliação não se encontra apenas entre as pessoas comuns, mas também entre os especialistas em perdão. Alguns professores espirituais e teólogos fazem declarações como estas: «O objetivo final do perdão é a reconciliação», «O perdão e a reconciliação são realidades inseparáveis», «O perdão é incompleto sem reconciliação». Poder-se-ia dizer que, para muitos deles, o perdão é o mesmo que esquecer tudo, agir como se nada tivesse acontecido e retomar a relação como estava antes da ofensa. Esta forma de ver é mais parte de um pensamento mágico do que da sólida psicologia humana. Se a reconciliação fosse a norma do perdão autêntico, compreender-se-ia por que razão tantas pessoas se recusam a perdoar. Elas teriam a impressão de se submeterem a um simulacro de perdão e de se traírem a si próprias (Jean Monbourquette, A arte de perdoar, Pauline, p. 205).*

Antes de mais, deve ficar claro que o perdão não é o mesmo que a reconciliação!

Deixei de não gostar daquele meu irmão, de facto, por vezes rezo por ele e, se necessário, estaria disposto a ajudá-lo, a fazer-lhe alguns favores, mas não consigo falar com ele, a não ser com aquela saudação estritamente necessária. Este é um sinal de que perdoei, mas que não me reconciliei. Ou seja, curei a ferida, que estava em mim, mas não a ferida, que está entre nós. E não é pouco o que tenho conseguido até agora. Sinto-me livre, já não sou escravo de ressentimentos ou de uma relação insalubre com o outro.

Agora estou pronto para dar o passo da reconciliação. Mas são necessárias condições para isso, porque não é apenas a minha pessoa que está em jogo, mas uma responsabilidade partilhada. Se a outra pessoa não quer, não se sente preparada, não está disposta a aceitar



certas condições, não sabe onde está... então a reconciliação não é possível, mesmo que o perdão seja sincero e completo.

Se houver vontade de ambos e sob certas condições, então será possível atravessar juntos a ponte da reconciliação.

1. A primeira condição necessária, para não viver simplesmente uma ilusão, é, antes de mais, a **memória**. Não se trata apenas de recordar, mas de reconstruir, com humildade, o que aconteceu, para concluir que assim já não pode continuar. Essa situação não serve realmente nenhum de nós e por isso abandonamo-la.
2. A segunda condição para a reconciliação é a **verdade**, não tanto dos factos, que já examinámos na memória, mas da relação. A sinceridade é fundamental para a reconstrução de uma relação. Se esta faltar, é melhor convencer-se de que a reconciliação nunca será possível.
3. A terceira condição necessária para a reconciliação é a **justiça**, ou seja, aquela atitude pela qual cada um assume as suas responsabilidades e tenta corrigir o mal que foi cometido.
4. A quarta condição, olhando para o futuro, é chegar a um **acordo** para assegurar uma verdadeira reconciliação para partilhar algo da nossa vida e a capacidade de planear, implementar e avaliar a missão.

É uma questão de procurar juntos um modo de vida que nos permita crescer juntos, respeitando-nos mutuamente, dizer as coisas livremente e fraternamente sem hesitação ou medo, desejando o bem do irmão.

Construir todos os dias e com esforço o autêntico espírito de família que o Fundador esperava.

Pedro e Paulo também puderam partilhar acerca do seu compromisso missionário, algo, mas não tudo, e Paulo e Barnabé, a certa altura

separaram-se, etc. A reconciliação não é um sonho absoluto. Absoluta é a vida e o nível de fé, de confiança, que temos na bondade do Senhor.

*"Quando os conflitos não são resolvidos, mas ficam escondidos ou enterrados no passado, há silêncios que podem significar tornar-se cúmplices de erros e pecados graves. Em vez disso, a verdadeira reconciliação não se afasta do conflito, mas é alcançada no conflito, superando-o através do diálogo e da negociação transparente, sincera e paciente". (Fratelli Tutti, 244)*

## ORIENTAÇÕES

### Fazer do mal recebido uma oportunidade de dom

**Jesus, que perdoa da cruz** (Lucas 23,34), mostra a liberdade daqueles que não concedem dentro de si mesmos nenhum poder à lógica do mal; esta revelação é chocante porque mostra **a salvação, como uma mudança do mal para o bem**, que passa pelo caminho estreito do perdão, o que implica uma nova atitude perante o mal.

A figura do "bom ladrão" indica que, mais cedo ou mais tarde, é preciso tomar uma posição contra o mal e é sempre possível perdoar, ou seja, fazer do mal recebido uma oportunidade de dom. **Nós, de facto, não somos responsáveis pelo mal que sofremos, mas pelo que fazemos com o mal que sofremos.**

**Com o perdão**, aquele que sofreu o mal dá vida às condições para um novo começo na relação com o outro, porque o perdão traz vida onde há morte, restaura aquele que caiu e faz de um pecador uma nova criatura.

**O perdão** atesta que a última palavra não pertence ao mal cometido, mas à graça e ao amor que renova a relação com o outro de modo a não o reduzir à condição paralisante de inimigo.

O **perdão** requer um sacrifício de si próprio em relação ao outro porque não é natural perdoar, porque de facto o perdão concedido com facilidade tem muita probabilidade de não ser autêntico.

**Quem chegou ao perdão na verdade**, contudo, sabe que é uma viagem longa, árdua e difícil. Um caminho marcado **por duas etapas fundamentais e decisivas**:

A renúncia de reagir ao mal com o mal.

- O primeiro passo é marcado por uma dimensão de "passividade", por "não fazer" o que gostaríamos que outros não nos fizessem: esta é a única forma de quebrar a perversa e interminável cadeia de violência que exige mais violência, o terrível contágio da vingança.

A vontade de responder com o amor.

- O segundo momento exige a liberdade e vontade de olhar com amor para quem nos ofendeu. Tendo renunciado à vingança, mais cedo ou mais tarde veremos no outro que ele não é identificável com o mal que cometeu. O outro não é o inimigo, não encarna o mal, não pode ser demonizado: o outro é um homem, uma mulher que cometeu um ato perverso.

Pois bem, este caminho exigente e regenerador do perdão, como cristãos, só o podemos trilhar sabendo que **o perdão de Deus precede o nosso perdão**; precede mesmo o arrependimento do homem, porque é um acontecimento unilateral, gratuito e incondicional: é este perdão de Deus que provoca conversão, mudança, e a nossa própria capacidade de exercer o perdão: "Não devias tu também ter piedade do teu semelhante, como eu tive piedade de ti?" (Mateus 18,33)

## **Correção fraterna: a responsabilidade para com o irmão**

As nossas comunidades são chamadas a tornar-se lugares de perdão: "Perdoai-vos uns aos outros como Deus vos perdoou em Cristo" (Ef 4,32). E a oração diária do cristão relaciona o pedido de perdão divino e a prática de perdoar o irmão (Mt 6,12; Lc 11,4). De facto, a autêntica fé em Deus torna-se uma *responsabilidade* para com o próprio irmão, e isto é expresso como *admoestação e correção* fraterna.

**A correção fraterna** é o oposto do silêncio cúmplice, da preguiça daqueles que não querem antagonizar o outro, dos mecanismos de autojustificação e do encobrimento mútuo dos erros, e daqueles que encontram sempre boas razões para não intervir e não denunciar o mal que é cometido. Um dos pecados de *omissão* mais frequentes é evitar a denúncia do mal e do pecado, é evitar a correção fraterna.

A capacidade de corrigir funda-se na nossa obediência radical ao Evangelho, na nossa pertença ao Senhor, e na nossa vontade ativa de construir o "espírito de família". De facto, a autenticidade do amor que flui do Evangelho manifesta-se na capacidade de corrigir aquele que se ama. O amor "espiritual" supera a tentação de guardar silêncio sobre o pecado cometido pelo irmão por medo de perder a sua amizade. A correção fraterna diz-nos que o amor cristão deve ser vivido dentro da responsabilidade pelos outros. A correção fraterna também deve ser entendida do ponto de vista do destinatário, que é sempre um irmão, um membro da comunidade. É necessária muita *humildade* e disponibilidade para reconsiderar e recomeçar. A autêntica correção fraterna não é um julgamento, e muito menos uma condenação, mas um acontecimento sacramental que faz reinar Cristo como terceiro entre aquele que a exerce e aquele que a recebe. Requer *a coragem da palavra*: coragem que só pode surgir enraizando a própria palavra na palavra do Evangelho.

## Para uma espiritualidade de comunhão

Antes de programar iniciativas concretas, é necessário **promover uma espiritualidade de comunhão**, como princípio educativo onde são moldados o homem e o cristão, onde são educados os ministros e formadores da comunidade, onde são construídas as relações interpessoais.

1. Espiritualidade da comunhão significa, antes de mais nada, fixar o olhar no **mistério da Trindade** que habita dentro de nós e cuja luz deve ser detetada no rosto dos nossos irmãos e irmãs, que estão próximos de nós.
2. Espiritualidade da comunhão significa sentir o irmão como "**alguém que me pertence**", saber partilhar com ele alegrias e sofrimentos, sentir os seus desejos e cuidar das suas necessidades numa verdadeira e profunda amizade.
3. Espiritualidade da comunhão é ver em primeiro lugar o que é positivo no outro, a fim de o acolher como uma "**dádiva de Deus para mim**".
4. Espiritualidade de comunhão é saber "**criar espaço**" para o irmão, "carregar os fardos uns dos outros" (Gal 6,2) e rejeitar tentações egoístas que geram competição, carreirismo, desconfiança.
5. Espiritualidade da comunhão é **deixar falar** o outro. Não o fazer seria já uma violência.

## PERGUNTAS para a reflexão pessoal e comunitária

Qual destas três declarações é a que mais te inspira e porquê? Que implicações tem ela na tua vida e na da comunidade?

- Perdoa aos outros, não porque eles merecem o teu perdão, mas porque tu mereces a paz (Buda).

- Os fracos nunca são capazes de perdoar. O perdão é uma característica dos fortes (Mahatma Gandhi).
- Quem não sabe perdoar quebra a ponte sobre a qual ele próprio deve atravessar (anónimo)

Que atitude te pode ajudar mais a perdoar em comunidade ou em situações difíceis no trabalho pastoral?

Quais são as tuas propostas para a realização das quatro condições do processo de reconciliação?

Por vezes, nas comunidades a reconciliação não é possível devido a mal-entendidos insuperáveis, encerramentos ou falta de sinceridade: o que deve ser feito em tais casos?

Que passos concretos propões para viver a "correção fraterna" na comunidade?

## **ORAÇÃO**

*(Vamos transformar estas reflexões em oração)*

### **A PAZ VIRÁ**

Se acreditas que um sorriso é mais forte do que uma arma,

Se acreditares na força de uma mão estendida,

Se acreditas que o que aproxima os homens

é mais importante do que aquilo que os divide

Se acreditas que ser diferente é um bem e não um perigo,

Se sabes como escolher entre a esperança ou o medo,

Se acreditas que és tu que deves dar o primeiro passo e não o outro,

então... **A PAZ VIRÁ.**

Se o olhar de uma criança ainda desarma o teu coração,  
Se souberes como regozijar-te com a alegria do teu vizinho,  
Se a injustiça que se abate sobre os outros te revolta  
tanto como aquela que tu sofres,  
Se para ti o desconhecido que encontras é um irmão,  
Se souberes dar livremente um pouco do teu tempo por amor,  
Se souberes como aceitar que outro te preste serviço,  
Se partilhares o teu pão  
e souberes como acrescentar-lhe um pedaço do teu coração,  
então... **A PAZ VIRÁ.**

Se acreditas que o perdão vale mais do que a vingança,  
Se sabes cantar a alegria dos outros e partilhar nessa alegria,  
Se sabes como acolher o infeliz que te faz perder tempo  
e o acolhes com gentileza,  
Se sabes acolher e aceitar um modo de agir diferente do teu,  
Se acredita que a paz é possível,  
então... **A PAZ VIRÁ!**

*(S. Charles de Foucauld)*

